

O plano é nosso; o desembolso, deles

Em sua triunfal viagem pelos Estados Unidos, o ministro da Fazenda está enriquecendo o manual do perfeito negociador. Depois de ter sentido que "boa vontade não se troca por cheque", oferece agora outra valiosa indicação aos bancos credores estrangeiros, dizendo: "Não vim discutir nenhum plano econômico interno com bancos estrangeiros. O plano é um problema do Brasil".

Nossos credores saberão, sem dúvida, interpretar as antológicas tiradas de nosso ministro, que vem sendo repudiado pela maioria da Nação, que não se identifica com esse punhado de governantes que se elegeram graças ao embuste do Plano Cruzado. Mas, certamente, estarão também perguntando quando poderão dialogar com um representante legítimo do Brasil acerca de uma solução que a contemporização torna a cada dia mais difícil.

Na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento, há algumas semanas, o comitê de assessoramento dos bancos credores havia sido informado, pelo presidente do Banco Central, de que logo lhe seria

apresentado um programa econômico destinado a servir de base à renegociação. Com uma prudência que hoje entendemos perfeitamente, o comitê havia-se limitado a reproduzir na íntegra e sem comentários um texto de telex, assinado pelo ministro da Fazenda e pelo presidente do Banco Central, informando-o da iminente divulgação do programa econômico, que deveria dar-lhes segurança.

Membro respeitoso do PMDB, o ministro Dílson Funaro deu a este a primazia de conhecer o Plano, tendo despertado, aliás, os aplausos da maioria dos membros do Congresso pertencentes ao maior partido da América Latina, aplausos teleguiados pela economista Maria da Conceição Tavares, que organizou uma perfeita claque. Naturalmente, o "Plano" não foi discutido (é mais um ...), e compreende-se que o ministro da Fazenda esperaria que os credores estrangeiros também não o fizessem.

Acontece que a situação é algo diferente. Com efeito, a essência do "Plano" consiste em compromete-

rem-se os bancos credores estrangeiros a dar ao Brasil, anualmente, durante cinco exercícios, quatro bilhões de dólares, restando-lhes unicamente a liberdade de escolher entre dois modos de dar essa contribuição: sob forma de capitalização de juros ou sob forma de *new money*.

Em nome da soberania nacional, o ministro da Fazenda não admite ser questionado a respeito de certos pontos que, todavia, parecem fundamentais a credores que, diante de um cliente inadimplente, são instados a emprestar-lhe mais. Entendemos que os credores poderiam querer saber, primeiro, se a necessidade de recursos se restringirá mesmo a quatro bilhões de dólares por ano e se o governo brasileiro sabe, com absoluta certeza, que poderá conseguir um superávit de oito bilhões na balança comercial. É possível, todavia, que o governo brasileiro considere que os países credores têm a obrigação absoluta de importar produtos brasileiros no montante estabelecido...

Quando um cliente se encontra em dificuldades, os bancos costumam concordar em expor-se a riscos

maiores, mas requerem a apresentação de um programa que lhes permita saber como serão reembolsados os empréstimos e pagos os juros. Os credores do Brasil são mais liberais: pedem-nos um exame conjunto para ver não como iremos amortizar nossa dívida, mas somente como iremos pagar os juros sobre a dívida, que não vai diminuir, mas aumentar. É a essa discussão que o ministro Dílson Funaro se esquivava, limitando-se a apresentar um programa cuja validade é seriamente questionada, não apenas por economistas nacionais, mas até por governadores. Todos sabem que não existe nenhum "Plano", mas apenas um "Plano de Intenções". Parece-nos salutar que, não tendo a maioria do Congresso a franqueza (ou a capacidade) de reconhecer tal fato, os credores enunciem suas exigências, sem por isto rejeitar *a priori* a idéia de encontrar solução para o problema do Brasil.

Agora, resta-nos apenas mostrar aos credores estrangeiros recortes de jornais brasileiros, para que compreendam que a Nação considera que o ministro da Fazenda não está acreditado para falar em seu nome.